Uma fome que acaba no lixo: os “retrocessos preocupantes” de Angola

António Rodrigues - 23 de setembro de 2025

“Não é compreensível que um país como Angola, que tem rios abundantes, não consiga dar respostas às suas necessidades alimentares”, disse o porta-voz da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé.

Em certos bairros de Luanda, há quem imponha a sua força para chamar a si os direitos sobre determinado caixote do lixo. Num país onde o ordenado mínimo não garante o mínimo de sobrevivência — subiu agora para 100 mil kwanzas, o equivalente a 91 euros —, aumentou o número de pessoas que busca no lixo os restos de comida e o desperdício que serve para vender. E como o desperdício não abunda, impõe-se a lei do mais forte no acesso aos caixotes do lixo.

O *Novo Jornal* andou, na segunda-feira, em reportagem pelas centralidades (bairros periféricos construídos em torno de Luanda) do Kilamba e do KK 5000, e deu de caras com caixotes revirados e lixo espalhado, sinal da passagem dos catadores e respigadores em busca de restos com valor acrescentado. “Aqui o lixo, vale, *kota*”, disseram dois jovens ao repórter.(…)

“O lixo aqui não tem trégua, todo o saco e caixa são revirados e a comida deitada fora é aproveitada”, contou Manuel Custódio, mais conhecido por "Mano Chaba". Enquanto Eduardo Diogo, morador no Kilamba, garantia que “existem quarteirões em que os contentores são revirados de noite”.“Estamos aqui nos contentores para conseguir bidões, fios, latas, e quando encontramos comida nos sacos, comemos. Os plásticos levamos para vender, lá podem nos dar 50 kwanzas, às vezes 100 kwanzas, e aproveitamos para comprar pão para levar em casa nas nossas mães para jantar”, diziam alguns jovens ao jornal *online* Estado News.(…)

"Não podemos fechar os olhos à realidade do nosso país, marcada, simultaneamente, por avanços significativos e retrocessos preocupantes. Apesar das conquistas louváveis que temos alcançado, é com inquietação que observamos a persistência — e até o agravamento — da pobreza entre as famílias angolanas, um flagelo que fere profundamente a dignidade de muitos dos nossos concidadãos", disse o presidente da CEAST e arcebispo de Saurimo, José Manuel Imbamba, na abertura dos trabalhos na passada quarta-feira.(…)

"O que recolhemos aqui levamos para casa. Mas também há produtos que preferimos vender porque as senhoras compram. É arriscado, mas é a nossa forma de viver", dizia José Pedro, de 18 anos, ao jornal *O País*. A família dele sobrevive do que consegue respigar ali, o que comem e o que vendem para pagar a escola.

Nas conclusões da sua assembleia plenária, os bispos católicos, lembrando os protestos do final de Julho, fomentados pela fome e pelo desespero, cuja repressão deixou um rasto de 30 mortos, apelaram ao Governo do Presidente João Lourenço para que, “diante da instabilidade social”, assuma como prioridade “o combate à fome e à pobreza, criando dinâmicas de diálogo e concertação social”.(…)

O *Inquérito ao Emprego em Angola 2024*, divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística, e citado esta terça-feira pela agência Lusa, mostra que a taxa de desemprego do ano passado foi de 31,5%, sendo que entre os jovens de 15 aos 24 anos chegou a 57,7%. Além disso, o mercado de trabalho é dominado por emprego de baixa qualidade e informal, sendo o sector primário o que mais absorve mão-de-obra, em contraste com o fraco peso da indústria.

“Vivemos rodeados de batalhas silenciosas, travadas sem grande esperança de vitória num país onde viver com dignidade ainda não é opção”, escreve a jornalista Ana Jenário num artigo de opinião no Club K. “Exigem-nos sensatez quando assistimos, repetidamente, ao contraste brutal entre a ostentação dos políticos e a miséria da população. Cobram-nos equilíbrio quando vemos crianças, jovens e idosos no lixo todos os dias em busca de comida.”

À medida que se aproxima o final do segundo e último mandato de João Lourenço, que tanta esperança trouxe quando sucedeu aos longos anos de poder de José Eduardo dos Santos, a situação parece pior (ou sente-se pior porque vem do desespero amargo de quem acreditou na ilusão). Como sublinha Ana Jenário, “os cálculos não mentem: miséria crescente, desemprego em alta, fome acentuada e uma população cada vez mais abandonada.”

https://www.publico.pt/2025/09/23/mundo/noticia/fome-acaba-lixo-retrocessos-preocupantes-angola-2148260